

Revista Filosófica de Coimbra

VOL. 1 • N.º 1 • MARÇO 92

ISSN 0872-0851

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA - *Do Biocentrismo à Bioética ou da Urgência de um Paradigma holístico*

AMÂNDIO A. COXITO - *A Crítica do Inatismo segundo Luís A. Vernei*

FRANCISCO V. JORDÃO - *Natureza, Sentido e Liberdade em Kant*

MARINA R. THEMUDO - *Solipsismo. Viagens de Wittgenstein à volta de uma Questão*

JOSÉ REIS - *Sobre o Conceito de Ser*

LUÍSA PORTOCARRERO F. SILVA - *Da Fusão de Horizontes ao Conflito de Interpretações: a Hermenêutica entre Gadamer e Ricoeur*

FERNANDA BERNARDO - *O Dom do Texto: a Leitura como Escrita - o Programa gramatológico de Derrida*

TOULMIN, Stephen: *Cosmopolis. The Hidden Agenda of Modernity*. (New York: The Free Press, 1990), xii + 228 pp.

Estamos perante mais um excelente livro de Toulmin sobre o passado mais recente (a Modernidade) e sobre o futuro que poderemos construir no presente que nos é dado viver. Neste texto, Toulmin reconstrói, em traços muito gerais, a compreensão da ciência moderna e da filosofia moderna em que se formou nos anos 1930 e 40 bem como a crise iniciada no final dos anos 60 e aprofundada nos anos 80.

Toulmin não pretende questionar a narrativa dominante na primeira metade deste século da emergência dos Tempos Modernos apenas em termos de mero rigor histórico. É claro que esta dimensão também está presente na medida em que a sua reinterpretação brilhante da gestação da Cosmopolis moderna põe a nu as ilusões bem como as trevas e a miséria que a acompanham e que a narrativa de pendor iluminista ocultava. Não se trata apenas de corrigir uma narrativa que nos dizia ter começado a Modernidade no séc. xvii com uma opção pela "racionalidade", possível graças à prosperidade económica e libertação da tutela da Igreja cujas figuras emblemáticas são Galileu e Descartes e sublinhar que a história é mais complexa. Ao reclamar um lugar de relevo para os humanistas do Renascimento a partir de Erasmo (e muito particularmente para Montaigne) na génese dos tempos modernos, Toulmin quer, com certeza, reescrever a narrativa das origens da Modernidade em torno de figuras importantes do pensamento europeu dos sécs. xvi e xvii. Mas a sua narrativa histórica gera igualmente uma análise historiográfica e abre novos horizontes à nossa compreensão do que é (deve ser) um saber verdadeiramente humano. Dado o amplo leque de temas e autores abordados é de todo impossível dar uma ideia sumária de toda a riqueza do texto. Sublinharemos apenas algumas ideias que nos parecem centrais e que podem sugerir o interesse desta obra de Toulmin.

Não se trata de relatar a emergência da "ciência" moderna tal como a entendem os positivistas mas de reconstruir os traços mais característicos da "cosmopolis" moderna. Como Toulmin sublinha, é a cosmopolis que dá uma compreensão englobante do mundo ligando todas as coisas tanto em termos "teológico-políticos" como em termos científicos ou explicativos. De facto, entre 1660 e 1720 poucos pensadores estavam apenas interessados numa explicação dos fenómenos mecânicos do mundo físico. Os que reconstruíram a sociedade e a cultura europeia depois da Guerra dos Trinta Anos tomaram como princípios orientadores a estabilidade nas e entre as diferentes nações-estado e a hierarquia dentro das estruturas sociais de cada um dos estados.

Na sua reinterpretação da gestação da Modernidade entre os anos 1570 e 1720, Toulmin distingue quatro gerações na cultura europeia cada uma delas com o seu traço distintivo. Até 1610 teria existido ainda uma confiança senão universal pelo menos bastante partilhada na capacidade humana de conduzir o seu próprio destino e uma certa tolerância de uma diversidade de opiniões. Figuras representativas desta atitude seriam, entre outras, F. Bacon e Shakespeare. Depois de 1610 o tom de confiança teria sido substituído pelo de catástrofe. A aceitação incondicional de doutrinas que ninguém pode "provar" satisfatoriamente gerou como subproduto um perfeccionismo que viria a ser um dos traços mais característicos da Modernidade. Neste contexto, Toulmin sublinha que embora o programa de investigação dos filósofos da natureza do séc. xvii se apresentasse como sendo, a um tempo, "matemático" e "experimental", de facto, "it was, first and foremost, a pursuit of mathematical certainty: the search for experiential support and illustrations was secondary" (p.130).

Depois de 1650 teria havido um período de transição de 40 anos durante os quais se puseram de lado os conflitos doutrinários e se fez um esforço de reconstrução. As questões doutrinárias perderam o estatuto de que gozavam e um tom de cinismo caracteriza esta fase.

Só no final do século é que as incertezas começaram a ser substituídas por uma nova segurança e mesmo complacência. Newton tinha finalmente respondido a algumas questões deixadas em aberto por Copérnico e descoberto na natureza uma ordem que aparentemente justificava o compromisso com a estabilidade e a hierarquia que estava patente na monarquia absolutista de Luís XIV, em França, e na monarquia constitucional de Guilherme III, na Inglaterra. Toulmin insiste na necessidade considerar não apenas o conteúdo teórico da física de I. Newton a A. Einstein ou da biologia desde John Ray até T.H. Morgan para se compreender a transformação da ciência desde 1750 até 1920 mas também o papel do newtonianismo como justificação "cosmopolítica" da "ordem social moderna" (p. 133). E lembra aos positivistas de todos os quadrantes que esta atenção ao enquadramento num contexto social mais amplo é tão antiga como a *República* de Platão. Data desde essa época o sonho de uma "cosmopolis" que una as dimensões da natureza e da sociedade.

Toulmin vê as transformações operadas na cultura e sociedade europeias do séc. XVII como alterações que puseram de lado a tolerância dos humanistas em favor de teorias mais rigorosas e de práticas mais exigentes. Tudo isto culminou na nova cosmopolis construída em torno da estrutura formal da física matemática. A partir de 1750, estas mudanças foram sendo eliminadas, uma a uma.

Neste sentido, a história da ciência e da filosofia de 1650 a 1950 "was not simply a triumphal procession of geniuses building on the work of their predecessors: rather it had both light and shade, both an up and a down side" (p. 167). Não se trata, para Toulmin, de escolher entre o humanismo do séc. XVI e a ciência exacta do séc. XVII pois precisamos do contributo positivo de ambos. A tarefa consiste mais em reformar e mesmo reclamar a nossa tradição moderna humanizando-a. Toulmin vai mais longe propondo, contra Wittgenstein e Rorty (que "are overdramatizing the situation" quando afirmam que a filosofia se encontra "at 'the end of the road'") um regresso a Aristóteles: "the dream of 17th-century philosophy and science was Plato's demand for *episteme*, or theoretical grasp: the facts of 20th-century science and philosophy rest on Aristotle's *phronesis*, or practical wisdom" (p. 192).

Em suma, um livro estimulante sobre a Modernidade e as tarefas mais urgentes que se impõem nossa reflexão para que a terra que habitamos possa ser a nossa casa terrestre.

António Manuel Martins

RICOEUR, Paul: *Lectures 1. Autour du Politique* (Paris: Seuil, 1991)

A obra mais recente de Paul Ricoeur, *Lectures 1*, com o subtítulo *Autour du Politique*, publicada pelas éditions du Seuil em Novembro de 1991, constitui o primeiro tomo de uma nova trilogia, à semelhança do que acontecera entre 1983 e 1985 com os três tomos de *Temps et Récit*. Desta vez, o percurso anunciado de antemão divide-se nas três áreas da Política (primeiro volume), da Poética e Teoria da Narrativa (temas previstos para o segundo volume) e das relações entre Filosofia e Teologia, tendo como fundo problemático o Mal (temas para um terceiro volume).

No primeiro volume deste conjunto, os grandes problemas de Filosofia Política e os que se levantam a partir da história política contemporânea agrupam-se em quatro partes (1. «Le Paradoxe politique», 2. «Politique, Langage et Théorie de la Justice», 3. «La Sagesse pratique» e 4. «Circonstances»), cujo ritmo lógico varia entre o que se pode designar por «escritos políticos de circunstância» (sobre Israel, a China e a reforma universitária), os artigos de análise crítica de obras de pensadores da Política (H. Arendt,